

A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ENFERMAGEM NO AUTOCUIDADO DE ADOLESCENTES

Fátima Dayanne Wirtzbiki Ferreira¹

Priscila de Vasconcelos Monteiro²

Ana Irys Bezerra de Sousa³

Letícia da Conceição Almeida Santos⁴

Maria Lúcia Duarte Pereira⁵

A adolescência é considerada um processo de transição pessoal que afeta as percepções individuais e sociais dos indivíduos. Frente às mudanças físicas e psicossociais vivenciadas pelo adolescente, o risco e a vulnerabilidade às DST (doenças sexualmente transmissíveis) e AIDS se fazem iminentes. Por isso, métodos de educação e prevenção ganham maior importância, devendo ser alvo de atenção e transformações contínuas. O enfermeiro atua de maneira imprescindível à promoção da saúde dessa população. A preocupação diante das vulnerabilidades enfrentadas é justificada pelo alarmante crescimento do número de casos de AIDS notificados nesta população⁽¹⁾. Assim, é explícita a necessidade que se tem de disseminar saberes acerca da temática com alvo nesse público, pois através de metodologias participativas é possível contribuir para o autocuidado com foco na promoção da saúde do adolescente. O autocuidado é o desempenho de atividades que os indivíduos realizam em seu benefício para manter a vida, a saúde e o bem-estar⁽²⁾. Quando efetivamente realizado, ajuda a manter a integridade estrutural e o funcionamento corporal, contribuindo para o desenvolvimento humano⁽³⁾. O foco desse estudo está baseado na possibilidade da atividade de educação em saúde contribuir para o autocuidado dos adolescentes. Para tanto, objetivou-se descrever a relação entre a prática educativa voltada aos adolescentes e suas interferências no autocuidado referente às DST. Trata-se de um relato de experiência acerca de oficinas realizadas em escola pública estadual com turmas do ensino médio. Como referencial teórico-metodológico adotou-se os preceitos da Teoria do Autocuidado de Dorothea Orem. Participaram acadêmicos de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, membros do Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. As atividades ocorreram em outubro de 2012 em espaço disponibilizado pela escola. Cada oficina teve duração de 50 minutos e abordou as temáticas DST, HIV/AIDS e anticoncepção através de projetor multimídia, cartazes educativos e panfletos. Utilizou-se a metodologia participativa através de dinâmica de perguntas e roda de discussão, pois no contexto da atenção à saúde do adolescente, há que se transcender a concepção técnica e assistencialista, e alargar os horizontes de atuação, evocando habilidades educativas e relacionais⁽⁴⁾. Ao final foram levantados questionamentos de modo a facilitar a análise do nível de compreensão sobre o tema. Folders educativos com o resumo do conteúdo e preservativos masculinos foram distribuídos com a finalidade de garantir a assimilação e promover a prevenção. O presente estudo representa uma resposta aos resultados encontrados na dissertação de mestrado intitulada “Representações sociais de jovens sobre AIDS como dispositivo para o Cuidado Clínico de Enfermagem”, os quais demonstraram a existência de déficit no conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva por parte dos adolescentes. Princípios fundamentais como a ética, a privacidade, a confidencialidade e o sigilo foram respeitados

¹. Relatora. Acadêmica de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. E-mail: daywirtz@yahoo.com.br.

². Enfermeira. Mestre em Enfermagem Clínica pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

³⁻⁴. Acadêmicas de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membros do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

⁵. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Departamento de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.



como orienta o código de ética em pesquisa com seres humanos. O projeto obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual com parecer de número 58028. A experiência contribuiu diretamente para a solidificação das teorias referentes ao papel da enfermagem na promoção da saúde na comunidade. Foi possível perceber a importância que as práticas educativas em saúde possuem no contexto da sexualidade dos adolescentes. O déficit de conhecimento acerca da temática foi notório e declarado por parte dos adolescentes. O desconhecimento sobre DST se constitui em um grande problema de saúde pública, haja vista a vulnerabilidade decorrente. Há poucos ambientes em que o debate sobre o assunto é incentivado e oportunizado. A realização de atividades com grupos de adolescentes favorece o trabalho de orientação e de educação ante as vulnerabilidades ao atuar na prevenção de DST/AIDS, no uso de substâncias psicoativas, na gravidez na adolescência, nas violências, no abandono escolar e no autocuidado. Esse tipo de trabalho ainda facilita a integração entre saúde e escola, auxilia os adolescentes nas dificuldades do cotidiano por promover a troca de experiências, o apoio e segurança e o compartilhar com outros adolescentes das mesmas dificuldades⁽⁵⁾. Nesse contexto, os profissionais de enfermagem têm de modo crescente, dado ênfase às atividades de promoção da saúde e de prevenção de doenças como formas importantes de assistência à saúde. O estímulo ao autocuidado constitui-se em um fator de extrema importância para a assistência de enfermagem, pois é uma dimensão que resulta diretamente da interferência de práticas educativas em saúde. Após o término de cada oficina, os adolescentes explicitaram a relevância da iniciativa e demonstraram satisfação e contentamento. Declararam que futuras iniciativas proporcionariam melhoras substanciais no autocuidado no âmbito relativo à sexualidade. Pode-se então analisar que atividades que abordam as práticas educativas em saúde contribuem diretamente para a satisfação da capacidade para o autocuidado no contexto da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Iniciativas que visam à promoção da saúde e a disseminação de saberes acerca da saúde sexual dos adolescentes são de suma importância na interferência positiva no autocuidado dos mesmos. Para os acadêmicos, a experiência foi de suma importância para o conhecimento do papel da enfermagem no contexto de promoção da saúde e suas interferências positivas no autocuidado dos adolescentes. Portanto, o trabalho de estreitamento de laços deve ser solidificado na família e nos contextos sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos, para que assim, a troca de saberes e a livre abertura da temática sejam arraigadas na vida desses adolescentes. 1. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico – Aids e DST. Semanas epidemiológicas de julho de 2010 a junho de 2011. Brasília: DF, 2012. 2. Orem DE. Nursing: concepts of practice. 4. ed. St. Luis: Mosby, 1991. 3. George JB e colaboradores. Teorias de enfermagem: os fundamentos à prática profissional. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 4. Higarashi IH, Baratieri T, Roecker S, Marcon SS. Atuação do enfermeiro junto aos adolescentes: Identificando dificuldades e perspectivas de transformação. Rev. enferm. UERJ 2011; 19(3): 375-80. 5. Heringer A, Ferreira VA, Acioli S, Barros ALS. Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiros do Programa Saúde da Família no Rio de Janeiro. Rev Gaúcha Enferm 2007; 28(4): 542-8.

Descritores: Adolescentes. Educação em saúde. Autocuidado. Teoria de enfermagem.

Área temática: Políticas e Práticas de Educação e Enfermagem

¹. Relatora. Acadêmica de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias. E-mail: daywirtz@yahoo.com.br.

². Enfermeira. Mestre em Enfermagem Clínica pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

³⁻⁴. Acadêmicas de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membros do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

⁵. Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo. Departamento de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do grupo de pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias.